1931-1940

Renato da Gama-Rosa Costa
Alexandre Jose de Souza Pessoas

Benedito Tadeu de Oliveira (coord.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

COSTA, R. G. R., and PESSOA, A. J. S. 1931-1940. In.: *Um lugar para a ciência: a formação do campus de Manguinhos* [online].
Coordinator Benedito Tadeu de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003, pp. 90-111. História e saúde collection. ISBN: 978-65-5708-113-6. <https://doi.org/10.7476/9786557081136.0008>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

1931

1940

1931 - 1940

De 1931 a 1940

- 1 Chaminé - demolido entre 1939 e 1940
- 2 Forno de incineração de lixo - demolido na década de 30
- 3 Depósito do incinerador - demolido na década de 30
- 5 Depósito - demolido na década de 30
- 6 Depósito - demolido na década de 30
- 11 Cocheira - Instituto Soroterápico
- 14 Cocheira - demolido na década de 30
- 15 Residência para funcionários - demolido na década de 30
- 18 Cais
- 20 Pombal
- 21 Cavalaria
- 22 Pavilhão do Relógio
- 23 Caramanchão
- 24 Pavilhão Mourisco
- 25 Horta Ilha do Pinheiro
- 26 Viveiro de peixes - Ilha do Pinheiro
- 27 Residência do zelador - Ilha do Pinheiro
- 28 Residência Museu de Hidrobiologia - Ilha do Pinheiro

- 29 Hospital Evandro Chagas
- 30 Cantina
- 31 Residência
- 32 Ambulatório HEC
- 33 Biotério HEC
- 34 Depósito
- 35 Aquário de água salgada
- 36 Pavilhão Figueiredo Vasconcellos
- 37 Anexo Casa de Chá
- 38 Bichário
- 39 Casa Amarela
- 40 Residência
- 41 Estufas
- 42 Depósito para inflamáveis
- 43 Necrotério HEC
- 44 Cocheira velha
- 45 Residência para funcionário - Horta
- 46 Residência para funcionário - Horta
- 47 Residência para funcionário - Horta
- 48 Residência para funcionário - Horta
- 49 Companhia Melhoramentos da Baixada

- 50 Pavilhão Rockefeller
- 51 Pavilhão Lauro Travassos
- 52 Coelheira
- 53 Cocheira
- 54 Pavilhão da Marcenaria
- 55 Pavilhão de Vírus
- 56 Estrebaria
- 57 Depósito
- 58 Forno crematório
- 59 Estaleiro - Ilha do Pinheiro
- 60 Cais - Ilha do Pinheiro
- 61 Oficina mecânica - Ilha do Pinheiro
- 62 Chaminé - Ilha do Pinheiro
- 63 Tanques de água do mar - Ilha do Pinheiro
- 64 Estação de Hidrobiologia - Ilha do Pinheiro
- 65 Residência do mecânico - Ilha do Pinheiro
- 66 Pavilhão Torres Homem
- 67 Almoxarifado - Atual Reserva técnica do Museu da Vida

0 50 100 200

BASE CARTOGRAFICA: LEVANTAMENTO AEROFOTOGRAFICO IPP/PCRJ
PLANTA DOS TERRENOS DO INSTITUTO OSWALDO CRUZ - DEC. 1930
FOTO AEREA - ESCOLA DE AVIAÇÃO DO EXERCITO - 1938

RIO DO CUNHA

RIO JACARÉ

RIO JACARÉ

CANAL FARIA-TIMBÓ

PARADA DO AMORIM

LEOPOLDINA RAILWAY
ESTRADA RIO-PETRÓPOLIS

CANAL DO CUNHA

CANAL DO INSTITUTO

CANAL DO TIMBÓ

BAÍA DE GUANABARA

- Terreno da Fiocruz
- Área ganha
- Edificações preexistentes
- Edificações construídas na década de 30
- Edificações não pertencentes ao Instituto

ESCOLA HUGO CANTEGIAHI
AERO-CLUB
AERO-CLUB DO BRASIL/ NAVEGAÇÃO AERO BRASILEIRA (1932)

BAR E RESTAURANTE

HANGAR CAPITÃO RICARDO KIRK

DEPARTAMENTO DE AVIAÇÃO CIVIL

TORRE

PISTA DE POUSO E DECOLAGEM

PORTO DE INHAÚMA
PRAIA DE INHAÚMA

Colômbio
Instituto
dos
Oswaldo Cruz
de 14 de fevereiro
de 1937
o 8 de novembro
de 1934

Carlos Ribeiro
Justiniano
das Chagas
Diretor do Instituto
Oswaldo Cruz
de 14 de fevereiro
de 1917
a 8 de novembro
de 1934.

Na década de 30, ocorreram grandes alterações nos limites do *campus* de Manguinhos. Em 1932, os terrenos mais próximos do mar, aterrados à custa de desmonte hidráulico de dois morros entre os anos de 1928 e 1930,⁴⁶ foram requeridos, através do Ministério da Aviação, para a instalação de um aeroclube, após a aprovação dos poderes municipal e federal e, segundo relato de época, pelo próprio diretor do Instituto, ainda Carlos Chagas. O Aero-Clube de Manguinhos foi inaugurado em 1936⁴⁷ e mantido por quase 30 anos. Muitas vezes, os cientistas e pilotos, embora animosamente, dividiram os transportes e as vias da região.⁴⁸ Somente em 1935, as terras do Instituto haviam sido oficialmente demarcadas pela Comissão de Saneamento da Baixada Fluminense, formalizadas apenas em 1948, com a recém-inaugurada Avenida Brasil;⁴⁹ no entanto, a escritura definitiva do terreno só foi lavrada em 1982.⁵⁰ Os fatos em relação à demarcação do terreno revelam a fragilidade da administração do Instituto na década de 30, quando

⁴⁶ Oliveira (1953, 1958).

⁴⁷ O Aero-Clube funcionou até 1961, "(...) quando foi fechado pelo Ministério da Aeronáutica sob a justificativa de que era impossível organizar os vôos de chegada e de saída do Aeródromo sem entrar em rota de colisão com os aviões comerciais que demandavam ou saíam do Aeroporto do Galeão" (Castro, 1989).

⁴⁸ Uma curiosidade histórica: o maior ás francês da Segunda Guerra, voando pela RAF (Royal Air Force – Força Aérea Real Britânica), Pierre Clustermann, nascido em Curitiba, aprendeu a voar nesse aeroclube. *Revista Força Aérea*, 16, setembro de 1999, Action Editora, São Paulo.

⁴⁹ Benchimol (1990:98).

⁵⁰ Conforme artigo 4º do Decreto 77.841 de 23/04/1976, registrado no livro 2-BU, fls. 207, no ato da matrícula 22.891, em 13/07/1982.

Gustavo Capanema na assinatura de convênio da Fundação Rockefeller com o Serviço Especial de Saúde Pública. (Horácio Vieira – c. 1938 – CPDOC/FGV) Foto de Horácio Vieira

Vista aérea do *campus* em 1933, a partir de aviões da antiga Escola de Aviação Militar do Campo dos Afonsos. (Musal)

Manguinhos sofria uma lenta e contínua decadência. As causas eram a desorientação programática e a falta de planos a longo prazo, que mantiveram o Instituto alheio aos desafios e às questões nacionais. Essa ausência de metas levou a cortes em esforços e recursos, o que acarretou a ruína física do *campus*, seus edifícios, instalações e equipamentos.

A partir da Revolução de 1930 o Instituto começou a perder, aos poucos, sua autonomia política, administrativa e financeira e, em 1937, a situação agravou-se com a reforma centralizadora do Ministério de Educação e Saúde feita por Gustavo Capanema, quando o IOC passou a subordinar-se diretamente ao Departamento Nacional de Educação. O IOC, que já estava em total dependência financeira e com carência de recursos, com essas medidas do Estado Novo, que puseram fim ao modelo institucional arquitetado por Oswaldo Cruz, perdeu de vez sua autonomia.

Após 1922 e praticamente durante toda a década de 30, nenhum projeto de envergadura foi desenvolvido para o Instituto. As grandes construções só foram retomadas em 1937, com o Pavilhão do Novo Biotério (atual Lauro Travassos), cujo projeto foi desenvolvido pelo arquiteto Armando Mesquita da equipe da Divisão de Obras do Ministério da Educação e Saúde, como um dos mais importantes construídos pelo Ministério à época, fazendo parte dos relatórios e de publicações sobre medicina no Brasil. Nessa década, destacam-se também o

Cerimônia de batismo de novos aviões no Aero-Clube de Manguinhos, com a presença de Getúlio Vargas. Ao fundo, o Pavilhão Mourisco e o da Patologia (Fundo Agência Nacional. Arquivo Nacional). Apesar da fotografia ser 1951, decidiu-se incluí-la nesta década, pois é praticamente a única imagem do Aero-Clube que faz referência aos edifícios de Manguinhos.

projeto do edifício-sede da Fundação Rockefeller (1935-1937), desenvolvido, todavia, pela Instituição norte-americana, o projeto do Hospital Torres Homem (1938) e o projeto do Pavilhão do Vírus (1939). Desses, somente o Pavilhão do Vírus foi construído em área do Instituto e para seu uso; os demais não faziam ainda parte da estrutura administrativa do IOC. Nesse período, não se tinha a noção que se tem hoje do *campus* de Manguinhos. Somente quando a Rockefeller deixou o País, em 1942, seus edifícios e funcionários passaram, gradativamente, para o controle do Instituto Oswaldo Cruz.

O terreno destinado ao Hospital Torres Homem também contribuiu para retardar o processo de regularização dos terrenos do Instituto. Em 1922, ele foi separado da área requerida pelo Instituto referente à Chácara dos Amorim, pois sediava a residência de João Dias Amorim, proprietário de uma carvoaria no local, que seria aproveitada para a

O Hospital Torres Homem, planejado para tratamento de tuberculosos, foi construído na área do Instituto pela Prefeitura do Distrito Federal. Somente na década de 90 foi incorporado ao *campus* da Fiocruz. (Foto: Ribeiro, 1940)

instalação do escritório dos engenheiros da Empresa de Melhoramentos da Baixada Fluminense. O Instituto Oswaldo Cruz conseguiu a área, mas o terreno triangular em torno da citada casa foi separado e, em 1938, a DGSP construiu o abrigo para tuberculosos, cuja responsabilidade foi transferida para a Prefeitura do então Distrito Federal em 1942.

Fachada lateral do Pavilhão do Vírus, 1939. (DAD/Fiocruz)

Planta baixa do Pavilhão do Vírus, 1939. (DAD/Fiocruz)

Na arquitetura do novo Biotério adotou-se uma linguagem tradicional, com o uso de telhado em telhas cerâmicas, marcação da entrada principal e construção esmerada, porém sem decorativismos. As inovações aparecem no uso da esquadria basculante em ferro e no modo de ampliação do edifício, através de acréscimos sucessivos de módulos de dimensões e formas semelhantes a um núcleo central original. A marca de sua época aparece no frontão acima da entrada principal, escalonado, dentro de um *art déco* simplificado. O interior revela a preocupação, sempre presente em Manguinhos, de buscar o máximo em assepsia, com o uso de piso cerâmico e azulejos. O edifício estava sempre em constante processo de ampliação e reforma até fins da década de 80, quando se realizaram as últimas obras que contribuíram para a perda do caráter singelo de sua arquitetura.

Vista do interior do novo Biotério (atual Pavilhão Lauro Travassos).
Detalhe das bancadas. Foto J. Pinto (Arquivo Gustavo Capanema. CPDOC/FGV)

Vista do interior do novo Biotério (atual Pavilhão Lauro Travassos).
Detalhe das prateleiras. Foto J. Pinto (Arquivo Gustavo Capanema. CPDOC/FGV)

Vista externa do novo Biotério (atual Pavilhão Lauro Travassos).
(Arquivo Gustavo Capanema. CPDOC/FGV).

Vista externa do novo Biotério (atual Pavilhão Lauro Travassos) a partir do Pavilhão Mourisco. Nota-se os acréscimos de blocos contíguos.
 (Foto: Peter Lange. Arquivo Gustavo Capanema. CPDOC/FGV)

Vista externa do novo Biotério (atual Pavilhão Lauro Travassos), após os acréscimos de blocos contíguos. (Foto: Ribeiro, 1940)

Fachada principal do edifício da Fundação Rockefeller construído em terreno do Instituto Oswaldo Cruz entre 1935 e 1937. Esta imagem mostra o edifício sem a cobertura de telhas cerâmicas.

(Foto: Peter Lange. Arquivo Gustavo Capanema. CPDOC/FGV)

Já o edifício da Fundação Rockefeller foi concebido segundo uma arquitetura contemporânea à sua época, tornando-se a primeira construção a romper com a tradição construtiva em Manguinhos. Primeiro porque foi realizado por equipe externa ao Instituto e segundo pelo fato de suas instalações funcionarem independentemente. Tal edificação pode ser classificada como protomodernista, com características de uma arquitetura que seria amplamente difundida em bairros da cidade do Rio de Janeiro, como Copacabana e Flamengo. O maior ícone desse tipo de arquitetura é a veneziana retrátil externa, chamada apropriadamente de Copacabana, de tão utilizada nesse bairro. A fotografia tirada logo após sua inauguração⁵¹ revela uma construção severa, em um bloco compacto, destacando o eixo central da edificação, as laterais, com discretos avanços e recuos, e o embasamento.

⁵¹ Superintendência de Obras e Transportes do Ministério da Educação e Saúde de 9 de outubro de 1934. Acervo do Fundo Gustavo Capanema, CPDOC/FGV, Rio de Janeiro.

Imagem do local escolhido para a instalação do futuro laboratório da Fundação Rockefeller, no *campus* de Manguinhos. Outubro de 1936. (Rockefeller Archive Center)

Aspecto das obras de construção do edifício da Fundação Rockefeller, de 1 de março de 1937. (Foto: Rembrandt. Rockefeller Archive Center)

PROPOSED LABORATORY - MANGUINHOS SITE

TOP FLOOR

SCALE 1:100

ALL WINDOWS TO BE SCREENED - SCREENS OVER STAIRWAYS.
RAILWAY CROSS IN MIDDLE ROOM TO BE USED FROM CEILING OF 1900-1905.
CEILING OF OTHER UPPER FLOORS IN MIDDLE MUST BE REMOVED.
NO WINDOWS TO BE IN THIS FLOOR.

Planta do anexo ao Laboratório de Febre Amarela que curiosamente reproduz, em parte, o esquema de distribuição interna do Pavilhão Mourisco. (DAD/Fiocruz)

Fachada do edifício da Fundação Rockefeller, logo após a sua conclusão, já com a cobertura de telhas cerâmicas. (DAD/Fiocruz)

O acesso ao Instituto por ônibus e automóveis foi facilitado após a abertura de uma continuação da Rio-Petrópolis, em 1939, margeando a linha férrea. Na década de 30, o único automóvel do Instituto, fornecido pelo Ministério, servia apenas a Carlos Chagas.⁵² A Avenida Brasil só ficaria pronta em 1946, e até a construção de uma nova portaria, em 1954, o acesso ao Instituto ainda era feito pela avenida próxima à linha de trem.

Sobre o acesso ao Instituto nos conta Herman Lent:

Pegava um trem na Leopoldina, saltava na segunda estação, a primeira era Triagem, a segunda era Amorim, hoje chama-se Carlos Chagas. Dali, na hora de chegar o trem havia o ônibus do Instituto, que nós chamávamos de Viúva e que tinha bancos laterais. Era curioso, era Viúva, o nome dela, não sei por que. Realmente ninguém nunca se preocupou em saber. A gente ia a pé quando não tinha a Viúva, o que acontecia às vezes. A gente descia naquela praça em frente ao Castelo.⁵³

Em 1936, no início da gestão de Cardoso Fontes, já existia grande carência de espaços nos edifícios do *campus* de Manguinhos (aliás,

⁵² O automóvel era da marca Buick. Havia ainda um caminhão Ford e um ônibus, da Graham Brothers, apelidado carinhosamente pelos funcionários do Instituto de 'Viúva'. Os dados referentes às marcas constam do relatório da Superintendência de Obras e Transportes do Ministério da Educação e Saúde de 9 de outubro de 1934. Acervo do Fundo Gustavo Capanema, CPDOC/FGV, Rio de Janeiro.

⁵³ Herman Lent - Trecho de depoimento, de 15 de junho de 2000, registrado na fita 1, lado A.

Vistas aéreas do *campus* de Manguinhos em 1938, a partir de voo realizado pela Escola de Aviação Militar do Campo dos Afonsos. (Musal)

Vê-se, abaixo à esquerda, o Pavilhão Vacínico e à direita o pombal, um hangar e pista de pouso do antigo Aero-Clube do Brasil, em frente ao Instituto. Ao fundo o conjunto arquitetônico histórico de Manguinhos.

problema crônico até os dias de hoje), para o desenvolvimento das atividades do Instituto. Nessa época, os edifícios encontravam-se em mau estado de conservação, e os equipamentos adquiridos nas primeiras décadas do século XX

Época de grandes alterações nos limites do terreno do Instituto Oswaldo Cruz. As terras foram demarcadas apenas em 1935 em função dos avanços das áreas de aterro para a construção do Aero-Clube de Manguinhos, e posteriormente da Avenida Brasil. (Reserva Técnica do Museu da Vida/Fiocruz)

estavam obsoletos.⁵⁴ Atesta esses fatos o inventário dos edifícios do IOC encaminhado por Cardoso Fontes ao ministro da Educação e Saúde Pública à época, Gustavo Capanema.⁵⁵

Nessa década foram construídas algumas edificações de apoio às atividades do Instituto, como os pavilhões denominados anexos, o pavilhão da marcenaria, a cocheira, a estrebaria, o depósito, o forno crematório e a coelheira. Segundo Henrique Aragão,⁵⁶ a chaminé dos antigos fornos de incineração de lixo da Prefeitura do Rio de Janeiro foi demolida entre os anos 1939 e 1940, devido aos embaraços que causava à descida dos aviões, no campo de aviação do Aero-Clube do Brasil, que se localizava próximo ao Instituto. A década de 30 caracterizou-se, portanto, por grandes alterações na área do Instituto, que em 1932 perdeu os terrenos mais próximos ao mar para o Aero-Clube do Brasil e, em 1935, incorporou ao seu patrimônio a Ilha do Pinheiro.

⁵⁴ Relatório da Empresa de Melhoramentos da Baixada Fluminense de 14/3/1922. (Acervo DAD/COC/Fiocruz, p.109)

⁵⁵ Segundo documentação do Fundo do Serviço Especial de Saúde Pública do DAD/COC/Fiocruz (n.3, p.109).

⁵⁶ Aragão (1950).

Planta das subprefeituras da zona da Leopoldina, escala 1:20000, décadas de 30 e 40. (AGCRJ)

Planta dos terrenos do Instituto Oswaldo Cruz. C. 1935. (Reserva Técnica do Museu da Vida/Fiocruz)

Ilha do Pinheiro

Planta de situação da Ilha do Pinheiro. Levantamento realizado por Lejeune de Oliveira. (DAD/Fiocruz)

Paralelamente aos episódios sobre a demarcação dos terrenos do Instituto, Carlos Chagas conseguiu criar, na Ilha do Pinheiro, um laboratório de Hidrobiologia. A ilha, que já tinha sido desapropriada, em 1921, pela Empresa de Melhoramentos da Baixada Fluminense, em virtude dos planos de urbanização para aquela área, apresentava-se nessa época “em forma de polígono muito irregular, plana no litoral e um pouco elevada para o centro, com área de 12 hectares, dos quais parte eram um terreno de marinhas, plantações de horta e algumas árvores frutíferas, pequeno cais de desembarque em mau estado, viveiros de peixes, um barracão e um prédio em ruínas”(...).⁵⁷

Segundo Carlos Chagas, o Instituto tinha necessidade de manter um local isolado para a observação, em liberdade, de animais inoculados e, ainda, onde se pudessem criar macacos *Rhesus*, tão necessários às pesquisas desenvolvidas pelos cientistas de Manguinhos, mas de difícil aquisição devido a seu elevado custo.

A ilha só foi entregue ao Instituto Oswaldo Cruz em 17 de julho de 1935, após a morte de Carlos Chagas. As novas construções foram iniciadas em 1936, com as obras do laboratório de Hidrobiologia. Na ilha havia também cais, estaleiro, oficina mecânica, museu de hidrobiologia, aquário marinho, tanques de piscicultura e residências do mecânico

⁵⁷ Relatório da Empresa de Melhoramentos da Baixada Fluminense de 14/3/1922. (Acervo DAD/COC/Fiocruz)

'Mapa mudo' desenhado pelo cientista Lejeune de Oliveira para estudos.
(Relatório de 05/04/1976 sobre a Ilha do Pinheiro - DAD/Fiocruz)

Chegada do cais. (DAD/Fiocruz)

Tanques de piscicultura. (DAD/Fiocruz)

Museu de Hidrobiologia. (DAD/Fiocruz)

Estudo sobre poluição das águas da Ilha do Pinheiro e da Baía de Guanabara, feito pelo cientista Lejeune de Oliveira em 1957. Desenho original de Léjeune de Oliveira. (*Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 56, 1958)

Laboratório de Hidrobiologia. (DAD/Fiocruz)

Tanques de piscicultura. (DAD/Fiocruz)

e do zelador. Entre os anos de 1953 e 1958, Lejeune Pacheco de Oliveira escreveu alguns artigos para as *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, descrevendo, com detalhes, o processo de aterramento e poluição daquele trecho da Baía de Guanabara e a impossibilidade de se continuar a realizar os estudos de hidrobiologia sob aquelas condições. Mapas e ilustrações feitos pelo próprio pesquisador acompanham os artigos.

Arquivo. (DAD/Fiocruz)

Residência do zelador. (DAD/Fiocruz)

Aquário marinho. (DAD/Fiocruz)

Situação do *campus* de Manguinhos nas décadas de 30 a 50

Situação da Ilha do Pinheiro nas décadas de 30 a 50

Situação do *campus* de Manguinhos nas décadas de 60 a 80

Situação da Ilha do Pinheiro nas décadas de 60 a 80